

**AS ESTRUTURAS NÃO DESCEM ÀS RUAS:
Lévi-Strauss, *mai soixante-huit* e o fim do estruturalismo**

***STRUCTURES DON'T GO TO THE STREETS:
Lévi-Strauss, mai soixante-huit and the end of structuralism***

Antonio Motta

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O ensaio se propõe a discutir a noção de estrutura e de modelo estrutural em Claude Lévi-Strauss e, na medida do possível, analisar o declínio das concepções estruturais de sociedade em favor da recuperação do sujeito, tomando com referência Maio de 1968, na França.

Palavras-chave: estruturalismo, estrutura, sujeito, Maio'68

Abstract

The article discusses the notion of structure and structural model in Claude Lévi-Strauss. It also analyses the default of structural conceptions of society and the arise of the subject theories, taking the events of May 1968, in France, as a reference.

Keywords: structuralism, structure, subject, May'68

Ou le terme de structure sociale n'a pas de sens, ou ce sens même a déjà une structure.

Lévi-Strauss

*

Introdução

Paris, 6 de maio de 1966. Atmosfera *blasé* nos cafés. De olhares graves e roupas escuras, alguns existencialistas contrastam com a euforia dos adeptos do estruturalismo que grassava, então, triunfante. O jovem Foucault acabava de publicar *Les mots et les choses*. E ao ser indagado sobre Sartre e o existencialismo, sentenciava que ambos estavam em vias de desaparecimento ou, na melhor das hipóteses, de se tornarem objetos de museu. A seu modo, complementava:

O ponto de ruptura situa-se no dia em que Lévi-Strauss e Lacan — o primeiro no que se refere às sociedades e o segundo no que diz respeito ao inconsciente — mostraram que o “sentido” não era, provavelmente, mais do que um efeito de superfície, uma reverberação, uma espuma, e que o que nos atravessa profundamente, o que estava antes de nós, o que nos sustenta no tempo e no espaço era o sistema (Foucault, 1966).

* * *

13 de Maio de 1968. Primavera. Paris fervilha. Barricadas, trincheiras, jovens estudantes nas ruas a bravar: “que as ideias voltem a ser perigosas”; “abaixo a universidade”; “a imaginação ao poder” e, claro, o ícone, “é proibido proibir”, que depois se disseminou mundo afora como protesto contra todo tipo de *establishment*. A Sorbonne é ocupada pelos estudantes. Lévi-Strauss mantém-se arredio e silencioso diante dos acontecimentos.

* * *

Paris, Inverno. 02 de fevereiro de 1969. Michel Foucault profere conferência na Sociedade Francesa de Filosofia, intitulada *Qu'est-ce qu'un auteur?* Havia se mantido distante dos acontecimentos de maio de 68, mas logo depois que se tornou professor na recém-criada Vincennes, em dezembro de 1968, Foucault volta-se para o ativismo político, que marcaria sua trajetória intelectual até o final da vida. Na conferência retoma algumas questões desenvolvidas em *Les mots et les choses*, insistindo na tônica da desaparecimento do sujeito em

favor da presença de sistemas mutantes. Entre os presentes, estão na plateia o psicanalista Jacques Lacan e o sociólogo Lucien Goldmann, que nunca disse ser estruturalista. Na saída, ambos se encontram e, com certa dose de ironia, Goldmann dirige-se a Lacan: “Viu o Senhor, em 68, suas estruturas [...]. Eram os sujeitos que estavam na rua!”. A provocação a Lacan lhe fora motivada por *grafitti* estudantil que, em pleno efervescente Maio de 68, foi deixado com destaque sobre lousa na velha Sorbonne: “As estruturas não descem à rua”. Ou seja: não são as estruturas que fazem a história, mas os sujeitos. Com a argúcia habitual dos trocadilhos, Lacan retruca imediatamente: “Meu caro, Goldmann, se há alguma coisa que revela a importância dos acontecimentos de Maio é precisamente a invasão da rua pelas estruturas...” (Dosse, 1993, p.147).

* * *

Que o referido episódio tenha se prestado a inúmeras interpretações, não há dúvida. Mas uma delas é incontestável: o final da década de 1960 seria também o divisor d’água que marca o declínio do estruturalismo enquanto movimento de ideias e método de pesquisa aplicado aos mais diferentes campos disciplinares. Hoje, passados mais de 40 anos, o estruturalismo não exerce o mesmo fascínio que outrora, sequer consegue provocar uma situação inusitada e deslocada, no melhor estilo dos surrealistas, como aquela vivenciada por Lacan e Goldmann. Muito menos ainda desperta polêmicas como a de Claude Lévi-Strauss e Jean-Paul Sartre, na década de sessenta, em torno da discussão entre estrutura e dialética (Lévi-Strauss, 1962, pp. 324-357; Satre, 1960), depois, retomada por Paul Ricoeur, nos termos de “estrutura e hermenêutica” (Ricoeur, 1992, pp. 351-384).

Os temas que o estruturalismo se propôs a examinar já foram debatidos até a exaustão, além do fato de não se possuir recuo suficiente para entabular um balanço conclusivo de seu legado teórico-metodológico, uma vez que este vem ainda se prestando – de forma direta ou indireta – a múltiplas reinterpretações, notadamente no campo da antropologia social. O que este ensaio se propõe não é fazer um balanço crítico sobre o estruturalismo, sobre o qual já se possui uma literatura abundante. É algo bem mais modesto e esquemático: tecer alguns breves comentários – que padecerão de maior aprofundamento das questões – a respeito da noção de estrutura e de modelo estrutural em Claude Lévi-Strauss e, na medida do possível, analisar o declínio das concepções estruturais de sociedade em favor da recuperação do sujeito, tomando com referência Maio de 1968, na França.

Claude Lévi-Straus, como se sabe, foi um autor que representa uma espécie de figura totêmica tanto do estruturalismo *lato sensu* quanto da antropologia estrutural. Nos anos cinquenta e meados dos sessenta, a influência

dele foi incontestável, não somente na antropologia como também em várias outras áreas do conhecimento e, por isso, assegurando ao estruturalismo francês uma posição privilegiada no âmbito da circulação internacional das ideias, especialmente por se afirmar como paradigma nos principais centros metropolitanos da época.

A ambiciosa empreitada levistraussiana rompia em grande parte com algumas concepções até então vigentes, herdadas da Escola Sociológica Francesa, notadamente no que se refere à noção de “povos primitivos”, para fixar, a partir de algumas categorias analíticas, um novo projeto disciplinar. Com efeito, a sua proposta, claramente apresentada no livro *Antropologia Estrutural*, publicado em 1958 – uma espécie de vulgata do estruturalismo –, reivindicava um conhecimento geral a ser aplicado a todas as sociedades humanas, por meio de um novo método e de uma elaboração teórica, capaz de ultrapassar as velhas oposições entre sociedades primitivas e sociedades modernas. Mas sua maior ousadia assentava-se no objetivo visado, isto é, a descoberta de propriedades gerais específicas de toda existência social, o que implicava a redução da diversidade revelada através da totalidade das sociedades e culturas conhecidas, passadas e vivas, para uma unidade profunda e permanente.

Com efeito, o interesse pelo estruturalismo, calcado na construção de modelos que, em princípio, refletissem a realidade empírica, orientados, sobretudo, pelo jogo de oposições binárias herdadas da linguística (Círculo de Praga), não somente serviria de base para as reflexões levistraussianas, mas também despertaria a atenção, em maior ou menor grau, de outros importantes intelectuais da época. Entre eles estavam o marxista Louis Althusser, o semiólogo Roland Barthes, o linguista Roman Jakobson e o psicanalista Jacques Lacan. Este último, além de nutrir amizade e admiração por Lévi-Strauss, nunca negou a contribuição do pai da antropologia estrutural para o seu pensamento, especialmente na medida em que o modelo linguístico, que servia de base às análises antropológicas de Lévi-Strauss, foi também inspiração para sua psicanálise. Aliás, o axioma lacaniano, de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, encontra-se em perfeita conjunção com o esquema conceptual levistraussiano, segundo o qual o funcionamento dos processos inconscientes se esclarece também a partir de modelos linguísticos.

Coube a Lévi-Strauss, no entanto, o mérito de ter sido o primeiro a teorizar de forma sistemática a noção de estrutura, apoiada na noção de *constructus* linguístico do qual derivam os modelos. Visto dessa perspectiva, as estruturas são bons artifícios teóricos e ferramentas eficazes para compreensão da realidade. É lugar comum que a metodologia estruturalista, proposta por Lévi-Strauss, parte da noção de estrutura como um objeto exterior, de mesmo estatuto lógico que outros objetos da natureza. Decorre daí que o antropólogo, pelo menos em seu trabalho de campo (o conhecido *fieldwork*),

deve distanciar-se do material com que lida. Segundo essa perspectiva, talvez análoga à da experiência psicanalítica em relação à transferência, a distância instaurada entre sujeito e objeto torna-se condição indispensável para que o processo de objetivação se faça prevalecer, a fim de evitar a identificação do sujeito com seu objeto ou a redução deste último a uma mera projeção ou perspectiva pré-constituída do primeiro – evidentemente, no caso de Lévi-Strauss, este pressuposto é válido para a experiência etnográfica. De acordo com a perspectiva à qual nos referimos, a prática antropológica ou etnográfica é entendida como uma espécie de operador de alteridade, mediado pelo trabalho de distanciamento e diferença.

A construção e natureza dos modelos constituem, no pensamento de Lévi-Strauss, um dos aspectos mais suscetíveis a críticas. Como se sabe, para alguns autores, a noção de estrutura estaria vinculada à realidade, como no caso de Radcliffe-Brown e de todo o chamado estrutural-funcionalismo britânico. Neste caso, o estruturalismo seria então uma variante do empirismo. Para outros, o modelo seria essencialmente uma construção teórica, tal como é concebida pelo próprio Lévi-Strauss, e, por essa razão, o estruturalismo é visto por alguns como uma forma de redução idealista.

Visto da perspectiva levistraussiana, estrutura significa um sistema de relações ou de leis que descrevem o funcionamento de um fenômeno, representado por um modelo. Neste caso, a estrutura se reduz a um sistema de operações abstratas cujo significado é o de uma combinatória geral que assume um aspecto particular quando preenchida por um determinado modelo, isto é, pela representação de um fenômeno qualquer. Metaforicamente, a noção de estrutura seria então representada como uma forma vazia cuja matéria, sempre variável, depende de um modelo particular que nela possa se adequar.

O próprio Lévi-Strauss, no livro intitulado *Antropologia Estrutural*, publicado em 1958, enfatiza que o pressuposto fundamental é que a noção de estrutura não se refere à realidade empírica, mas aos modelos construídos a partir desta última. Dito de outra forma: a estrutura não existe na realidade concreta, pois não é acessível através de um conhecimento direto. Ao contrário, é necessário que se ultrapasse a realidade empiricamente observável (tudo aquilo que organiza e enforma o real) para então se atingir os seus conteúdos latentes. Neste sentido, torna-se pertinente distinguir três níveis operacionais: a) o plano das manifestações visíveis, que compreende o campo empírico; b) o suporte invisível ou latente que constitui a estrutura; e, finalmente, c) o plano teórico de que advém o modelo. Este último seria na perspectiva levistraussiana o resultado das manifestações inconscientes que regulam a sociedade.

Como se pode observar, o interesse de Lévi-Strauss não é o de abordar as relações sociais visíveis, mas as estruturas sociais latentes (invisíveis) que dão conta das primeiras, por meio de um modelo capaz de “reduzir um tipo

de realidade a outro; que a realidade verdadeira nunca é a mais evidente; e que a natureza do verdadeiro já transparece logo no cuidado que este emprega em se ocultar” (1955, p. 62).

Tome-se como exemplo o seu primeiro grande trabalho, *As Estruturas Elementares do Parentesco* (1949), uma espécie de manifesto do estruturalismo, visivelmente influenciado pelas ideias de Marcel Mauss no que concerne ao fato social total e à apreensão estrutural da troca. Neste livro, publicado em 1949, o autor busca compreender e explicar, através da análise de diferentes sistemas de parentesco primitivo, os mecanismos lógicos que orientam as regras prescritivas do casamento, entendido como troca.

O que de fato orienta o referido estudo é o deciframento das regras normativas de organização, independentemente da consciência dos sujeitos envolvidos. Para isso, Lévi-Strauss busca analisar as relações de parentesco como um sistema de comunicação e de troca entre status e papéis sociais segundo o princípio de reciprocidade. A primeira condição é a da interdição do incesto, considerada não no seu sentido literal, mas como uma injunção positiva, que possibilita a passagem da natureza para a cultura, isto é, do fato natural da consanguinidade ao fato cultural da aliança (1949, p. 16).

No sistema de troca ou permuta generalizada (*échange généralisé*), estudado por esse autor, cada grupo recebe uma mulher de outro grupo e, por sua vez, doa uma outra mulher a um terceiro grupo, assegurando assim um verdadeiro círculo de comunicação entre grupos diferentes. Ou seja, se um homem, por exemplo, entrega a sua irmã a um outro homem é porque este confia que será capaz de encontrar uma esposa em um outro grupo. Por sua vez, na troca limitada (*échange restreint*), o homem só entrega a sua irmã se possuir a garantia positiva de que receberá em troca uma esposa (1949, pp. 46-98).

Em ambos os casos, pouco importa se o grupo tem consciência ou não do significado dessas trocas que, em última análise, servem para assegurar a comunicação e circulação de bens e de serviços, e ainda a comunicação de mensagens. Assim como os princípios que regem a combinação dos fonemas numa língua natural, as normas elementares que regulam a aliança (casamento) como troca não precisam se revelar à consciência daqueles que o empregam. Afinal, o interesse de Lévi-Strauss incide na estrutura lógica interna dos elementos que compõem os significados de conjuntos de símbolos; o todo é o que prevalece como fator operante entre esses grupos, exatamente como as regras básicas da própria língua.

O mesmo princípio pode ser aplicado ao método utilizado em sua monumental tetralogia, dedicada à análise de mitos. O que realmente motiva o Lévi-Strauss dos quatro alentados volumes que compõem as *Mitológicas* (1964-1971) é desvendar a dimensão inconsciente dos fenômenos sociais. Deste modo, mais uma vez, se propõe a descobrir e entender noções abstratas,

produzidas pelo intelecto, que sejam válidas para toda a mente humana, tanto entre os povos ditos primitivos quanto entre os civilizados. Para isso, parte do pressuposto de que na linguagem cada grupo de sons corresponde a um sentido determinado. De acordo com as diferentes línguas, é claro, um som pode traduzir múltiplos sentidos, uma vez que o sentido não se encontra propriamente ligado à fonética, porém à maneira pela qual os fonemas se encontram ligados e combinados entre si.

O mesmo acontece em relação aos mitos, pois suas significações não se encontram em seus elementos isolados, que dão consistência às suas composições. Ao contrário, seus significados mais profundos somente se revelam a partir da ordem de arranjos e combinatórias entre seus diferentes elementos. Neste sentido, as lógicas dos mitos não se encontram no eixo diacrônico de sucessão e continuidade dos acontecimentos, isto é, na ordem da história, mas na recorrência de determinados temas, pois, independentemente de seu lugar de origem, os mitos possuem uma característica extraordinária de semelhança. Em última instância, os mitos se repetem e o que quer que eles sejam capazes de contar são repetições de uma mesma estória ou de infinitas variações, pois, afinal, não é o homem que pensa os mitos, mas os mitos se pensam no homem ou “os mitos se pensam entre si”. A propósito das análises efetuadas no primeiro tomo das *Mitológicas, O cru e o cozido*, Lévi-Strauss chama a atenção:

A estrutura em camadas do mito, para a qual chamamos a atenção há tempos, permite ver nele uma matriz de significações ordenadas em linhas e colunas, mas na qual, de qualquer modo que se leia, cada plano sempre remete a um outro plano. Do mesmo modo, cada matriz de significações remete a um outra matriz, cada mito, a outros mitos. E se perguntarmos a qual significado último remetem essas significações que se significam entre si, as quais, no final de contas, devem referir-se a alguma coisa, a única resposta que este livro sugere é a de que os mitos significam o espírito que os elabora por meio do mundo do qual ele mesmo faz parte. Assim, podem ser simultaneamente engendrados os próprios mitos pelo espírito que os causa, e, portanto, pelos mitos, uma imagem do mundo já inscrita na arquitetura do espírito (Lévi-Strauss, 1964, p. 346).

Essa busca formalista de oposições, de múltiplas permutações e combinações é o que, certamente, levou o antropólogo britânico Edmund Leach a afirmar que Lévi-Strauss, embora sendo antropólogo, parecia bem mais interessado numa álgebra de possibilidades do que propriamente nos fatos empíricos (Leach, 1970, p. 69). Isto não constitui nenhum demérito em sua obra, pois a antropologia francesa foi sempre considerada intelectualista, logo identificada a uma atividade em grande parte especulativa, em que a ausência de

um verdadeiro método etnográfico e certo descaso pelo empírico figuram entre suas principais características, sobretudo quando comparada às antropologias anglo-saxônica e americana. É por isso que a empreitada levistraussiana foi sempre marcada por um forte rigor metodológico e operacional. Isto porque, segundo sua lógica, sendo as estruturas sempre universais, a tarefa última do antropólogo seria exatamente a de identificar e revelar fenômenos socioculturais cada vez mais complexos para poderem ser explicados por meio de modelos e, ainda, a partir desses mesmos modelos serem explicados outros fenômenos. Trata-se, portanto, de uma construção cognitiva, altamente elaborada, em que na falta de uma “verdade de fato”, tem-se uma “verdade de razão” (Lévi-Strauss, 1952, p. 63).

* * *

Talvez, a crítica mais recorrente ao formalismo levistraussiano, como de resto ao estruturalismo, seja a ausência de uma perspectiva dinâmica, ou seja, que o pensamento levistraussiano apenas visualizava e apreendia os fenômenos sociais através de um tempo mítico, evitando, deste modo, considerar as transformações na ordem de sua história. Isso levou o autor frequentemente a subestimar o papel dos movimentos sociais e a incidência de determinados eventos sobre a reestruturação e transformação da vida social dos indivíduos, inclusive nos grupos por ele estudados.

Foi também este um dos pontos de inflexão crítica da chamada geração pós-estruturalista, composta por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Jacques Derrida, e que depois de Maio de 68 foi difundida, sobretudo nos EUA, conhecendo notoriedade internacional através da rubrica genérica de *French Theory* (Cusset, 2003). Com o pós-estruturalismo foram abandonadas as concepções estruturais de sociedade em favor da recuperação do sujeito, bem como contestados o idealismo, o racionalismo, o formalismo e a pretensão à universalidade das estruturas e dos modelos propostos por Lévi-Strauss.

Para Foucault eram as práticas, o poder, as instituições, a prisão, o hospital, a loucura, o sexo, a medicina os novos objetos a serem investigados. Tais referências não eram para ele necessariamente realidades que pudessem coexistir fora da ordem simbólica ou do discurso. Em 1961, Foucault contestava a “razão” como forma de “poder” em *História da Loucura na Era Clássica*, enquanto propunha a substituição da ontologia pela arqueologia ou genealogia em *As Palavras e as Coisas*, publicado em 1966.

Já Derrida foi mais longe em relação às bases teóricas do estruturalismo, ao criticar na *Gramatologia* (1967), especialmente no capítulo intitulado “A violência da letra: de Lévi-Strauss a Rousseau”, o idealismo do signo em

Saussure e os modelos idealizantes e “centrados” da linguística usados por Lévi-Strauss. O grande equívoco para Derrida era pensar a estrutura em termos de forma, de algo centrado e estático, ao invés de pensá-la como força e movimento. No seminal *A escritura e a Diferença* (1967), Derrida chama a atenção para isso:

Como vivemos da fecundidade estruturalista, é demasiado cedo para chicotear nosso sonho. Nele é preciso pensar no que poderia significar. Talvez amanhã o interpretem como um relaxamento, para não dizer um lapso, da atenção à força, que é tensão da própria força. A forma fascina quando já não se tem a força de compreender a força no seu interior. Isto é, a força de criar (1967, p. 21).

É essa mesma “força de criar” que foi capaz de gerar um evento: *mai soixante-huit*. O que se viu então foi a crise da estrutura e o retorno ao sujeito. Emergindo das bordas ou das margens, os sujeitos tomaram conta das ruas, invadiram e implodiram o “centro”, enquanto as estruturas e seus modelos eram questionados. E assim, no ocaso, o fim do estruturalismo foi reconhecido e decretado no interior do próprio movimento que lhe deu origem. Na ocasião, foi o próprio Lacan que, solenemente, anunciou a sua efêmera sobrevida:

O estruturalismo não subsistirá mais que o tempo efêmero das rosas, dos simbolismos e dos parnasos: uma temporada literária. Mas isto não quer dizer que esta temporada não seja fértil. Enquanto tal, a estrutura persistirá porque ela se inscreve no real, ou melhor, ela nos dá uma chance de conceber um sentido a esta palavra real que, além do realismo, seja socialista ou não, é apenas um efeito de discurso (Benoist, 1975, p.56).

Se o estruturalismo, como se referiu Lacan, não subsistiu mais do que o tempo efêro das rosas, o mesmo não se pode afirmar em relação à obra ciclópica de Lévi-Strauss, que continuou a produzir durante todo o século que viu praticamente atravessar, até à sua morte, em 2009, e continua instigando novas reflexões.

Recebido em 17/02/2012. Aprovado em 15/03/2012

Referências

- BENOIST, Jean Marie. **La Revolution Structurale**. Paris: Grasset, 1975.
CLARCKE, Simon. **The Foundations of Structuralism**. A Critique of Lévi-Strauss and the Structuralism Movement. Sessex: Harvester Press, 1981.
CLÉMENT, Catherine. **Lévi-Strauss ou la structure et la malheur**. Paris: Seghers, 1974.

- CUSSET, François. **French Theory: Foucault, Derrida, Deleuze & Cie et les mutations de la vie intellectuelles aux États-Unis**. Paris, Éditions La Découverte, 2003.
- DERRIDA, Jacques. **L'Écriture et la Différence**. Paris: Seuil, 1967.
- _____. **De la Grammatologie**. Paris: Minuit, 1967.
- DELEUZE, Gilles. **Logique du Sens**. Paris: Minuit, 1969.
- DOSSE, François. **Histoire du Structuralisme**, Paris: La Découverte, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Les Mots et les Choses**. Une archéologie des Sciences Humaines. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. Entretien sur Les mots et les choses. *La Quinzaine Littéraire*, n° 5, 15 de Maio de 1966, pp. 14-15. Entrevista realizada por Madeleine Chapsal.
- _____. Qu'est-ce qu'un auteur. *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, 63e année, n°3, juillet-septembre, 1969, pp. 73-95 (suivi d'une discussion, pp. 96-104).
- ERIBON, Didier. **Michel Foucault**. Paris: Flammarion, 1989.
- LEACH, Edmund. **Lévi-Strauss**. Paris: Segres, 1979.
- HÉNAFF, Marcel. **Claude Lévi-Strauss**. Paris: Belfond, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Les Structures Élémentaires de la Parenté**. Paris: Press Universitaire de France, 1949.
- _____. **Race et Histoire**. Paris: Unesco, 1952.
- _____. **Tristes Tropiques**. Paris: Plon, 1955.
- _____. **Anthropologie Structurale**. Paris: Plon, 1958.
- _____. **Le Totémisme Aujourd'hui**. Paris: Press Universitaire de France, 1962.
- _____. **La Pensée Sauvage**. Paris: Plon, 1962.
- _____. **Mythologiques 1: Le Cru et le Cuit**. Paris: Plon, 1964
- _____. **Mythologiques II: Du Miel aux Cendres**. Paris: Plon, 1967.
- _____. **Mythologiques III: L'Origine des Manières de Tables**. Paris: Plon, 1968.
- _____. **Mythologiques IV. L'Homme Nu**. Paris: Plon, 1971.
- _____. **Anthropologie Structurale Deux**. Paris: Plon, 1973.
- _____. **La Voie des Masques**. Paris: Plon, 1979.
- _____. **Le Regard Éloigné**. Paris: Plon, 1983.
- _____. **Paroles Données**. Paris: Plon, 1984.
- _____. **La Potière Jalouse**. Paris: Plon, 1985.
- _____. **De Près et de Loin**. Paris: Plon, 1988.
- _____. **Histoire de Lynx**. Paris: Plon, 1991.
- _____. **Regarder Écoute, Lire**. Paris: Plon, 1993.
- MARC-LIPIANSKY, Mireilie. **Le structuralisme de Lévi-Strauss**. Paris: Payot, 1973.
- MOTTA, Antonio; GROSSI, Miriam Pilar; CAVIGNAC, Julie (orgs.). **Antropologia francesa no século XX**. Recife: Editora Massangana, 2006.
- RICOEUR, Paul. Structure et hermeneutique. In: **Lectures 2**. Paris, Seuil, 1992.
- ROUDINESCO, Elisabeth. De près et de loin: Claude Lévi-Strauss et la psychanalyse. **Critique**. Paris, Janvier-fevrier, tome LV, n° 620-621, 1999, pp. 169-185.
- SIMONIS, Yvan. **Claude Lévi-Strauss ou la passion de l'inceste**. Paris: Aubier-Montaigne, 1968.
- SARTRE, Jean Paul. **Critique de la raison dialectique**. Paris: Gallimard, 1960.
- SPERBER, Dan. **Le Structuralisme en Anthropologie**. Paris: Seuil, 1973.
- VEYNE, Paul. **Foucault, sa pensée, sa personne**. Paris: Albin Michel, 2008.